

Entre o ‘belo e o decrépito’: meta-história e anos 1980 na ficção feminina

Sandra Guerreiro Dias
Universidade de Coimbra

Resumo

O presente artigo retoma o debate sobre a relação problemática entre a história e a literatura, analisando representações da revolução democrática na ficção de três vozes emergentes na literatura portuguesa do imediato pós-25 de abril: Eduarda Dionísio, Olga Gonçalves e Lídia Jorge. Afere-se o modo como estas autoras retratam os processos de mudança histórica (o tempo, os anos 1980) na perspetiva da cidade (o espaço), em obras-chaves da literatura portuguesa publicadas entre 1975 e 1995, retratando um tempo de transição e passagem. Pretende-se recuperar um tempo histórico recente, problematizando nuances de uma memória coletiva cristalizada que estes textos revisitam, repensando-se o lugar da literatura no conhecimento da história.

Palavras-chaves: história e ficção; pós-25 de abril; mudança; anos 1980; ficção feminina

Abstract

The present paper intends to resume the debate on the problematic relation between history and literature, through the analysis of representations of the democratic revolution in the fiction of three emergent voices of the immediate post-25th-April Portuguese literature: Eduarda Dionísio, Olga Gonçalves, and Lídia Jorge. The paper assesses the way these authors portray a time of transition, as well as the processes of historic change (the time, the 80s) through the perspective of the city (the space) in essential works of Portuguese literature published between 1975 and 1995. It is intended to recover a recent historical time through the questioning of the *nuances* of the crystallised collective memory that these texts re-visit, thus re-thinking the place of literature in the knowledge of history.

Keywords: history and fiction; post 25th April; change; 80s; women’s fiction

Há aqui um momento morto entre duas coisas. Dois mundos. Duas horas. Um compasso de mudez.

(JORGE, 1980, p. 125)

O debate sobre as relações entre a história e a literatura é vasto e remonta a Aristóteles. Em Portugal, a reflexão teórica sobre esta matéria é escassa e carece ainda de legitimação disciplinar e institucional.¹ Paralelamente, a história recente do país tem sido uma das entidades narratológicas constantes da ficção portuguesa dos últimos trinta anos,² motivo pelo qual urge desenvolver uma metodologia de aproximação aos vestígios históricos que estas obras representam.

O presente artigo pretende ser um contributo neste sentido, propondo uma análise breve e comparativa de um conjunto de obras literárias publicadas entre o imediato pós-74 e os meados da década de 1990, nomeadamente de: *Retrato dum amigo enquanto falo* (1979), *Pouco tempo depois (As tentações)* (1984), *Alguns lugares muito comuns* (1987), de Eduarda Dionísio; *O dia dos prodígios* (1980), *Notícia da cidade silvestre* (1984), *O jardim sem limites* (1994), de Lídia Jorge; *Mandei-lhe uma boca* (1977), *Ora Esguardae* (1982) e *Sara: romance* (1992), de Olga Gonçalves. Estes textos retratam a viragem portuguesa para os anos 1980, propondo um olhar crítico sobre o processo de transição democrática ainda envolto em obscuras perplexidades. Recorrendo-se a uma metodologia ensaística de crítica meta-histórica a partir de textos ficcionais de autoria feminina e acentuado pendor testemunhal, teoriza-se sobre os limites da história.

Por se tratar de um *statement* teórico, não se procede a uma análise exaustiva do tema nas obras. Apresenta-se sim, uma síntese interpretativa e demonstrativa que articula o tópico da cidade, o lugar por excelência da convulsão histórica, com algumas características temporais da mudança, relatadas naqueles romances como um périplo: a ressaca da festa, o esquecimento, a libertação e abertura a um tempo novo. Mostra-se como estes textos problematizam construções historiográficas cristalizadas no imaginário contemporâneo.

O debate sobre a relação problemática entre a história e a literatura ganhou particular enfoque a partir dos anos 1970 com o *linguistic turn* (Michel Foucault,

¹ Pese embora exista nos Estudos Literários um conjunto significativo de trabalhos sobre este tema, tal não acontece na História, verificando-se uma lacuna teórica que urge colmatar (com exceção de Rui Bebião e Maria de Fátima Bonifácio, que têm desenvolvido alguma investigação nesta área).

² Conforme Reis (2005); Real (2012); Kaufman, Ornelas (1997).

Jacques Derrida, Roland Barthes, Paul Ricoeur, Michel de Certeau, Hayden White, entre outros). Foram igualmente fundadoras para esta transição de paradigma, a teoria da arbitrariedade do signo de Ferdinand Saussure e a viragem performativa dos Estudos Culturais ocorrida a partir dos anos 1950 (com Jacob Burckhardt, Wilhelm Dilthey, Clifford Geertz, Peter Burke, entre outros). Estas correntes vieram destronar o empiricismo objetivo e colocar a tónica da análise histórica numa configuração performativa de discurso e na interpretação. Simultaneamente, esta reviravolta preconizou uma perceção dos eventos históricos como processos que, não sendo estáticos, requerem uma análise crítica das estratégias de representação e *mise-en scène* (BURKE, 2008, p. 94-95), como a que aqui se propõe. Esta perspetiva inovadora tem, no entanto, encontrado fortes obstáculos no campo da história.³

Reafirma-se, nesta linha, a importância do estudo da literatura como metodologia de questionamento da história, analisando-se o caso português. Os estudos históricos devem ser tomados na sua componente narrativa e atenção à evidência, sugerindo recorrer-se a um quadro comparativo que integre variáveis de representação de natureza factual, estética, bem como parâmetros de análise que atentem na especificidade dos dados. Defende-se um método crítico-comparativo de interpretação histórica: entre a atenção à teoria e características do discurso e às evidências históricas, que devem ser lidas como vestígios que carecem de interpretação. Trata-se de uma metodologia direcionada para a interpretação dos significados, que se exemplifica sucintamente a partir do conjunto das obras mencionadas.

De acordo com María Inés Mudrovcic, “as concepções de tempo anónimo são o resultado de uma elaboração reflexiva que subsume as diferentes histórias empíricas numa unidade de tempo histórico universal” (MUDROVCIC, 2005, p. 108). No caso da história recente portuguesa, para além dos motivos de natureza teórica e metodológica que se tem vindo a expor, defende-se a complementaridade da investigação histórica, e em particular da transição democrática, com o estudo da literatura, dado predominar, acerca dos anos 1980, uma concepção de “tempo anónimo” a que corresponde uma narrativa desencantada e disfórica sobre o fim da revolução. Considere-se, a título de

³ Ver os seguintes estudos: Mudrovcic (2005, p. 73-108); Munslow (2007, 2010); Southgate (2009, 2011).

exemplo,⁴ este estudo emblemático de Helena Kaufman e Anna Klobucka, de 1997, onde se pode ler o seguinte:

What seems to have happened in Portugal, at the outset of the 1980s, was the realization that culture, which was then in the hands of politicians and intellectuals who defeated the dictatorship, did not express the ideals originated by the revolutionary change of 1974. The simple fact that culture was in the hands of these traditional agents of cultural politics indicates that, for once, change could not be radical and totally break down more traditional prerevolutionary structures (KAUFMAN; KLOBUCKA, 1997, p. 18).

It is probably clear by now when the 1980s began, there was a rather disenchanting mix of opinions, voiced by intellectuals. Based on the honest analysis of different social realities, they were concerned mostly with the unfulfilled promise for revolutionary change (KAUFMAN; KLOBUCKA, 1997, p. 19).

Neste ponto, importa questionar estas afirmações: qual é efetivamente a promessa não cumprida da “mudança revolucionária” de que se fala nestes textos? Qual foi, de facto, o papel destes intelectuais e artistas que, conforme se afirma, derrubaram (?) a ditadura mas não levaram a cabo a mudança revolucionária almejada? E os restantes? Num momento em que o poder estava na rua, o que falhou, por que falhou, quando falhou, quem falhou, falhou? Estaria Portugal preparado para uma revolução cultural de matriz social-marxista? Era essa a revolução que se pretendia? Por que se parte nestes textos da premissa parcial de que uma mudança ficou por cumprir? Que mudança em concreto? Estas são perguntas a que a historiografia clássica continua sem responder de forma cabal e clara. E muito mais do que endereçar culpas, interessa procurar respostas. Além disso, como defende Southgate, é preciso contrapor as versões que se contradizem e extrair delas as modulações e significados do conflito. Quanto mais não seja: assinalar as distinções e reconhecer as fragilidades de uma pretensão, a todo o custo, de autenticidade (SOUTHGATE, 2009, p. 197).

Com efeito, quarenta anos volvidos, a posição dos intelectuais e artistas face à nova conjuntura histórica e cultural no pós-25 de abril continua a merecer reflexão.⁵ Duas tendências podem ser identificadas: a observação de uma apatia generalizada por parte da *intelligentsia* durante o PREC e meados da década de 1980; a crítica a esta ausência. No primeiro caso, as reflexões sobre a situação e posição em particular dos escritores na esfera pública nos anos seguintes à revolução dão conta de um persistente mal-estar e desilusão que, após um momento de euforia inicial de “confluência (...)

⁴ Ver também: Baía, Gomes, Figueira (2012); Coelho (1988); Pereira (1983).

⁵ Ver Dias, Graça (2014).

entre a 'poesia' e a 'rua'" (RIBEIRO, 1993, p. 495), desemboca no súbito afastamento do espaço público (REAL, 2012; DIONÍSIO, 1993; RIBEIRO, 1993; LOURENÇO, 1984; MAGALHÃES, 1981a, 1981b, entre outros).

Eduardo Lourenço, por seu turno, no célebre "O silêncio dos intelectuais", publicado no *Expresso Revista* em 1985, dá voz à segunda tendência. Este texto, onde se critica abertamente o posicionamento daqueles intelectuais e artistas, aliás, emerge hoje como a pedrada no charco da letargia doravante difusa de que os estudos falam, em tom igualmente desencantado mais do que esclarecedor, denotando um conhecimento arguto sobre a realidade portuguesa que alarga as variáveis e o horizonte do debate em causa. O filósofo critica então a incapacidade de resposta aos novos desafios culturais e políticos:

Somos tentados a concluir por uma generalizada verificação de carência por parte dos intelectuais portugueses ao longo de uma Revolução que iria mudar de figura após o 25 de Novembro de 1975. Mais uma vez os intelectuais teriam falhado a sua missão, quer intervindo de maneira irrealista e irresponsável no delicado tecido da nossa cultura, quer refugiando-se numa ausência quase inexplicável (LOURENÇO, 1985, p. 30-R).

Eduarda Dionísio, Lídia Jorge e Olga Gonçalves enquadram-se nesta corrente crítica. É possível identificar aquele posicionamento nas temáticas, opções estéticas e meta-textuais das obras publicadas no período em apreço, como se passa a demonstrar.

Considere-se, para já, as seguintes afirmações que ilustram a relação entre a escrita, a vivência do 25 de abril e a experiência da mudança:

[o 25 de Abril foi] o permanente uso da palavra, da cabeça, da caneta, das mãos, da imaginação, dos saberes acumulados ou adquiridos nas circunstâncias com que diariamente nos confrontávamos. Tudo com carácter de urgência e a clara consciência de que o hoje contava. (...) [foi o ir] 'contra ventos e marés' contra uma preguiça que não morreu de 25 para 26 de Abril, contra hábitos pouco saudáveis instalados em muitas bandas (...) [pelo que] foi possível, com a minha participação (igual à de milhões de pessoas) subverter, transformar o que parecia eterno e construir coisas novas. Tantas (DIONÍSIO, 1999, p. 5).

Diante do que se passa, tenho a minha perplexidade e expresso-a. [...] Acho um dever expressá-la. A cada momento, o mundo desajusta-se, a cada momento, inaugura-se outra era. A linha de continuidade mais forte é, porventura, o sentimento de que em todas as épocas se vive um caos definitivo. [...] Não é fácil explicar tudo o que me levou a escrever sobre esta geração a não ser, a par de outras razões, o encanto por reproduzir aquilo que julgo ser a parte de um mundo ao mesmo tempo belo e decrépito (JORGE, 1996, p. 2).

Se de repente acontecesse / se eu fosse / se eu fosse a personagem criada por um escritor, se ele ou ela me empurrasse para a boca da cena, seria legítimo que me deixasse dar um

grito. Digo bem, dar um grito, uivo de angústia para a audiência, de aviso para o autor. O autor nem sempre tem cuidado com o tratamento ficcional dos nossos gestos [...] o autor ignora ainda se irá imolar-se no laço afetivo entre o seu ego e aquilo a que poderá chamar realidade (GONÇALVES, 1989, p. 170-171).

Estes textos expressam a urgência perplexa de testemunhar as transformações em curso na sociedade portuguesa no pós-25 de abril, dando conta de opções narratológicas específicas. As autoras ocupam um lugar singular no quadro da literatura portuguesa da época porque recusam à literatura esse “lugar de exílio [...] num tempo histórico de desencontro” (BARRENTO, 1995, p. 164) predominante na altura. Com o intuito de problematizar a história por intermédio de um registo ficcional que é simultaneamente sociológico, dado que os elementos estruturais remetem para a especificidade de um tempo em concreto, o pós-25 de abril e a década de 1980, estas autoras recusam o “regresso ao real” melancólico e desencantado propalado por Joaquim Manuel Magalhães em 1981⁶ sobre a geração de escritores de 1970 e 1980.⁷ Este “regresso” significa um distanciamento de facto, de pesar, alienado do mundo, defraudadas as esperanças de uma revolução social-marxista, acentuado por uma estranheza face à mudança de ciclos históricos e à pós-modernidade. São estes aspetos que determinam, de acordo com o poeta e crítico, o regresso da literatura portuguesa ao discurso figurativo, lírico e referencial, registo do qual Eduarda Dionísio, Lídia Jorge e Olga Gonçalves se afastam.

Contrariamente, os seus textos exploram um compromisso que, sendo histórico, é também estético. Ensaçando modalidades interpretativas da história, as obras congregam o comprometimento político da literatura com o compromisso estético da linguagem, enquadrando-se na tradição literária que faz a síntese do romance pós-moderno com a herança modernista, surrealista e até experimental. Ou seja, nestes textos de recorte sociológico é sublinhada, na escrita da memória, a centralidade da experimentação e a redescoberta pela linguagem que, recusando o “regresso ao real”, é histórica e ficcionada, acima de tudo experimental,⁸ também pelo facto de se testar os limites epistemológicos, ideológicos e disciplinares, tornando-se inteira:

⁶ Nomeadamente no poema “Princípio”, da obra *Os dias, pequenos charcos* (MAGALHÃES, 1981b).

⁷ E corroborada por estudos posteriores como: REIS (2005); MARTELO (2004, 2006); BARRENTO (1995).

⁸ Não cabe neste artigo fazer uma análise sistematizada das características experimentais destes textos no sentido mais estrito da terminologia. Refira-se apenas, a título ilustrativo, que o conjunto das obras

o que escrevo desintegra as minhas tensões, sitia a desordem, solta e separa as notas graves. / Se os relatos dão ênfase ao quotidiano, observar e refletir revalorizam as cores que ficaram de pé, e que podem fazer-nos chegar ao nosso possível, ao nosso impossível, ao que não sabemos que somos. / Tem sempre acontecido perante a folha a grande descoberta (GONÇALVES, 1992, p. 152).

Eu queria explicar que não queria dizer só quando dizia só. O que eu queria dizer era uma outra palavra qualquer de que desconhecia o corpo escrito e sonoro, mas de que possuía o significado inteiro (JORGE, 1984, p. 166).

No seu conjunto, as obras apresentam um contraponto importante daquela versão decepcionada dos acontecimentos, podendo os nove livros caber no subtítulo do romance de 1987 de Eduarda Dionísio: *diário de uns quantos dias que não abalaram o mundo*. Este relato a várias vozes e a vários tempos sobre o imediato pós-74 e os anos 1980 têm em comum o facto de darem conta de uma perspetiva desencantada mas indagadora que relativiza axiomas ideológicos e históricos, por isso decantada, problematizadora, lúcida e apaixonada sobre o processo revolucionário.

O facto de se tratar de textos de autoria feminina amplifica o seu carácter de testemunho, pela urgência de historiarem a emergência do feminino enquanto entidade sociológica e estética e literária.⁹ Simultaneamente, como afirma Ana Paula Ferreira num estudo sobre o assunto, usando o pretexto da condição de mulher e denunciando-se que a mudança na legislação não foi suficiente para destronar crenças e práticas culturais patriarcais enraizadas, estes textos convidam a reinventar o passado e a realidade histórica contemporânea por intermédio de testemunhos femininos, como é exemplificativo o seguinte excerto de *Sara*:

Também não ignoro que a expressividade da mulher surge com grande dificuldade de se impor neste campo e neste estádio da História. Mesmo que lentamente se tenha avançado noutras áreas, crê-se existirem investimentos mais prometedores, de muito mais monta, que se tornou urgente arrancar da subalternidade. / Aguarda-me um programa equívoco. E nele viverei o furioso desejo de acerto comigo mesma (GONÇALVES, 1992, 26).

Esta problematização do equívoco faz-se apresentando análises históricas aprofundadas, versões alternativas complexas, não ortodoxas, acerca daquilo que Phil Mailer designou de “revolução impossível” (FERREIRA, 1997, p. 223).

mistura o registo memorialista com os registos ficcional, poético, de prosa poética, coloquial e até mesmo visual e performativo.

⁹Depois de *Novas cartas portuguesas* (1972), a literatura portuguesa conhece um *boom* de autoria feminina que se afirma no espaço mediático e literário, com Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno, Teolinda Gersão, Maria Gabriela Llansol, Yvette Centeno, Teresa Salema, Wanda Ramos, Hélia Correia, Luísa Costa Gomes e Isabel de Sá, entre outras.

Veja-se agora como Lídia Jorge coloca em perspetiva o tema do fim das utopias:

Tudo faz parte do mesmo pesadelo. Aliás, o problema é que pertencíamos a um mundo em que dois pesadelos se amenizavam um ao outro. Tu estavas num lado e imaginavas a salvação do outro, e vice-versa. A imaginação andava sempre a viajar. Pelo menos tinhas uma estrada a percorrer. Agora, não tens para onde espaiar a imaginação nem a revolta. Tudo parte do mesmo ponto como se fosse o centro dum único big-bang. Tens de ficar sossegadinho onde estás se não quiseres explodir (JORGE, 1995, p. 249).

O centro nevrálgico deste *big-bang* e da análise histórica é a vivência urbana, explorando-se aquilo que Maria Alzira Seixo denominou de “paradigma tópico” do romance pós-moderno português (SEIXO, 1994, p. 105), e que, segundo a mesma, responde a “uma preocupação de representação do mundo efetivo contemporâneo” (SEIXO, 1989, p. 267-268). Ora, a cidade como cenário remete para a metáfora barroca do mundo como teatro em que a história narrada constitui a história revivida, como se explica aqui:

E confirmou que só no papel conseguia estar com toda a gente ao mesmo tempo e também em todos os lugares de que gostava mais. E até pensou que a solução para o seu caso que se estava a tornar bastante desesperado era escrever uma grande peça de teatro em que todos entrassem ou como atores ou como personagens, conforme lhes conviesse mais, mas havia aquilo de um projeto assim exceder necessariamente a dimensão dos textos que ela entretanto se tinha prescrito (DIONÍSIO, 1987, p. 245).

Partindo-se da análise daquela categoria espacial, os trabalhos das três autoras refletem sobre a mudança dos tempos em curso, resgatando-se significados potenciais da história nos escombros da revolução e ruínas que simbolizam aqui a decadência da cidade num tempo de transição e convulsão. Estes textos podem ser lidos como a geometria possível, ficcionada mas em tom de testemunho histórico, que hoje, quase meio século depois, fazem luz sobre um hiato a vários títulos turbulento, entre dois tempos. A forma de organização da história e discurso traduzem-se no efeito de neste fazer convergir o efeito de passagem de um determinado momento histórico, como é descrito, por exemplo, em *Notícia da cidade silvestre*:

Sim, resumi essa escritalhada toda numas quantas linhas, umas últimas linhas – ‘Não procures na rua principal a tua casa/ Ela fica além de onde os telhados chegam/ E da linha do horizonte para onde os pombos voam/ Ela está entre um casario silvestre/ de que só podes conhecer a geometria/ Se depois de atravessares o deserto da rua principal/ Ainda tiveres intacta a tua sede/ Bebe. Onde o outro lado começa (JORGE, 1984, p. 327).

Aqui o “casario silvestre” pode ser entendido como a metáfora da cidade ideal, da utopia, de que apenas é possível conhecer uma experiência específica no tempo e no espaço, neste caso de “deserto”, que remete para *topos* do imaginário de ressaca. É este outro dos denominadores que liga estas obras: a expressão de uma fadiga da história descrita a partir de uma experiência urbana e feminina de libertação. Mas que não se esgota em si mesma, cumprindo o objetivo de testemunhar uma transição que coloca em perspectiva passado, presente e futuro, carregando-os de potencial simbólico e político. Os nove romances narram a história de mulheres, adolescentes, no caso de Olga Gonçalves, ex-militantes, em Eduarda Dionísio, mulheres emancipadas, em Lídia Jorge, que enfrentam com violência um cenário urbano descaracterizado, abandonado, que já não é o que foi mas que ainda não é o que vai ser. É este espanto inquieto e de indagação sobre as transformações em curso num registo que não é disfórico mas refletindo incertezas, que as narradoras expressam de uma perspectiva que é meta-autoral (na medida em que as personagens principais são também elas mulheres, revestindo-se de identidades e papéis diversos) que torna estes textos invulgares no olhar histórico que apresentam:

E lentamente foram abandonando o bairro e as revoluções, e como ela andou sempre atrasada nos gestos da vida prática, e passava sempre sem dar por isso ao lado das coisas fáceis, não aproveitou daquelas amizades tudo quanto era bom, e lentamente eles foram-se divorciando, ou arranjando apartamentos para comprar, ou mudaram-se para o pé das famílias por comodidade, ou encontraram casas nos bairros antigos da cidade donde viam o rio, as estrelas e os telhados, e as antenas de televisão numa floresta (DIONÍSIO, 1987, p. 120).

As ondas iam e vinham. De vez em quando a rebentação era alta e a espuma brilhava muito. Tudo a anunciar não sei o quê. Ele [Diogo] disse-me que as palavras com o tempo haviam de desaparecer e que somente os sons haviam de ter sentido (GONÇALVES, 1983, 100).

A decifração do lugar, que pode ser lido na metáfora da “floresta” urbana, da rebentação das “ondas da história”, recorrendo a categorias temporais, remete para a metáfora das ruínas e o passado latente. De facto, é na atenção ao pormenor do quotidiano e aos vestígios da memória, ou “restos”, lixo, que sobressai da camuflagem histórica uma narrativa que, mais do que apontar para uma teleologia sobre o fim dos tempos, recupera-a, apontando para uma transição em curso. Estes textos são já o testemunho dessa passagem e contribuem para compreender a complexidade e

idiossincrasias do processo histórico em causa, alargando-se o horizonte de perceção sobre as ruínas e o decrépito descrito em cada uma das nove obras.

O modo como cada uma das autoras retoma aqui este tema é particularmente revelador na medida em que é associado a um desgaste e fadiga da história que desemboca no esquecimento. O conjunto das obras analisa este fenómeno de diferentes quadrantes: no caso de Olga Gonçalves, relata-se, nas três obras, o processo de amnésia e despolitização da juventude relatado pela voz feminina; em Eduarda Dionísio, testemunha-se a perplexidade face à rutura e mudança da paisagem urbana; em Lúcia Jorge, o esquecimento é retratado de uma perspetiva escatológica, mesmo paródica e irónica que eleva a análise a um registo humorístico. Considere-se os seguintes trechos ilustrativos:

Os mais novos, agora ainda no liceu a estudarem literatura, não se lembram. Referem-se a essa data como a um facto evanescente, uma embarcação navegando sobre manuscritos de poemas em que um magote de homens embrulhou cravos. / Nem eles nem nós, os de vinte-e-tal, guardamos marcas da Pide ou da guerra das colónias. Da Censura. Das perseguições e do medo. O que a memória me deixa hoje distinguir é a grande margem de espectáculo, a movimentação das pessoas, como se de repente fosse um não acabar de conversas e de programas. / Talvez sejamos uma geração que se assume sem referências, o fim da geração de Setenta, para a qual o básico pode constituir essa mesma perda de referências. A sua diluição, ou a sua flutuação, que é a morte dos limites (GONÇALVES, 1992, p. 34).

as esquinas dos prédios, passávamos a conhecer as várias luzes da noite ao longo das horas, os vários muros da cidade, os candeeiros, e na manhã seguinte olhámos a cidade que tínhamos repovoado anonimamente com palavras, anúncios de concentrações, cores vermelhas ou amarelas, letras a preto— tínhamos derrotado por dentro mais um bocado de passado (DIONÍSIO, 1979, p. 71).

Amo as palavras bonitas, mas às vezes apetece-me ir buscá-las ao fundo das tripas e das fezes. Ninguém se liberta se não quiser libertar-se. Empedernidas as pessoas criaram o jeito de olhar a pila como centro do mundo. E para ficarem com a boca cheia de riso, basta-lhes um pum. Podiam vir mil gestos de libertação. Como ninguém sabe ler os sinais, ficam todos pelo lamento das coisas. Apetece pôr as mãos nos olhos e chorar. E depois se ia como viera, só havendo braços para rebocarem o corpo. Palavras de upa, upa. As reais (JORGE, 1980, p. 105).

Numa palavra, estes textos percorrem o caminho penoso e moroso, mas percorrem, de abertura a um novo tempo que estas autoras perscrutam:

Estou simplesmente na constatação de que o mundo avança, e que muita coisa pela qual a malta se batia vai ficando para trás. Temos realmente de fazer um grande esforço, de jogar com a imaginação. / Por que havíamos de recusar esse jogo? A nossa biografia assenta no enredo da História (GONÇALVES, 1992, p. 114).

Cecília levanta a mesa do almoço e entra na cozinha. Os filhos devem estar a chegar com a fala e a cabeça carregadas de ovnis, etês, computadores, espaços sem peso, descendentes de marcianos já fora de moda, luzes a acender e a apagar, circuitos, botões, raios laser, comandos à distância (DIONÍSIO, 1984, p. 123).

São obras que enfim testemunham o fim mas que se abrem à mudança, respiram fora e dentro da história. Constituem simultaneamente um laboratório de ideias vigilantes que sistematiza perspetivas renovadas e fundamentais para a compreensão da transição democrática. Considera-se que se trata também de textos meta-literários porque dão corpo a um macrocontexto maior que os debates ideológicos em curso, dando atenção, mas sem a intenção de os esgotar, aos vários enredos e enigmas que sempre compõem a história. Veja-se ainda a citação de Eduarda Dionísio: apesar da perplexidade, contingente, que parece transparecer deste excerto, testemunha-se a abertura da sociedade portuguesa à revolução tecnológica, à ficção científica dos filmes de Hollywood, à libertação do imaginário infantil, a um contexto de possibilidades de imaginação, cores, festa, enfim, ao direito a viver a história sem dela ter que ser refém.

É com base nestas características, em suma, que aqui se cataloga estes textos de meta-históricos. Estão para além da história, não são a história em si mas não deixam de o ser. Levam a refletir sobre os limites da história enquanto construção historiográfica e sobre as fragilidades e limites da disciplina até do ponto de vista da sua ontologia. Contam a história da história, sendo por isso e assim também história.

Jorge Figueira observou recentemente que o “pós-moderno em Portugal tem a marca dessa relutância e aproximação lenta”, e com “quanto maior fúria se pretende libertar, mais expressivo é o registo dessa impossibilidade” (FIGUEIRA, 2011, p. 9, 15). Como se tem vindo a afirmar, não há uma verdade histórica. Há muitas verdades e muitas versões que, juntas, confluem no entendimento histórico, na descodificação dos discursos situados no tempo e no espaço, na perceção de opções narratológicas e ideológicas que veiculam a vivência de um tempo a vários ritmos e contra-ritmos. Estes textos testemunham o excesso de um fim de ciclo, expressando simultaneamente explícita e implicitamente, a libertação cultural ideológica e abertura à pós-modernidade, ao pós-modernismo estético, numa palavra: ao apocalíptico e ao decrépito mas também a um *ethos* cultural plural e festivo. Como afirma Russell Jacoby, a dimensão sombria das utopias dificilmente conta a história toda (JACOBY, 1999, p. 171). O debate historiográfico e político atual é, em larga medida, devedor da herança

deste imaginário de luto que é preciso visitar e questionar, com vista a um entendimento crítico sobre a realidade portuguesa contemporânea. A literatura desempenha aqui um papel que não pode ser negligenciado.

Referências

- BAÍA, Pedro; GOMES, Paulo Varela; FIGUEIRA, José. *Anos 1980*. Porto: Circo de Ideias - Associação Cultural, 2012.
- BARRENTO, João. O astro baço – poesia portuguesa sob o signo de Saturno. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 135/136, p. 157-168, 1995.
- BURKE, Peter. *What Is Cultural History?* 2. ed. Cambridge; Malden: Polity Press, 2008.
- COELHO, Eduardo Prado. *A noite do mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.
- DIAS, Sandra Guerreiro; GRAÇA, André Rui. Memories of the Change: The Post-Revolutionary Period and Portuguese Cinema. *Cabo Dos Trabalhos*, n. 10, 2014, p. 1-10.
- DIONÍSIO, Eduarda. *Retrato dum amigo enquanto falo*. 3. ed. Lisboa: Quimera Editores, 1979.
- . *Pouco tempo depois (As tentações)*. Lisboa: Gradiva, 1984.
- . *Alguns lugares muito comuns (diário de Uns quantos dias que não abalaram o mundo)*. Lisboa: Gradiva, 1987.
- . *Títulos Ações Obrigações - sobre a cultura em Portugal 1974-1994*. Lisboa: Edições Salamandra, 1993.
- . O 25 de abril já ninguém mo tira. *Seara Nova*, n. 63, p. 5, 1999.
- FERREIRA, Ana Paula. Reengineering History: Women's Fictions of the Portuguese Revolution. In: KAUFMAN, Helena; KLOBUCKA, Anna. *After the Revolution*. Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994. Lewisburg; Londres: Bucknell University Press/Associated Press, 1997, p. 219-242.
- FIGUEIRA, Jorge. *Reescrever o pós-moderno*. Porto: Dafne Editora, 2011.
- GONÇALVES, Olga. *Mandei-lhe uma boca: romance*. 2. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1983.
- . *Ora esguardae*. 3. ed. Lisboa: Caminho, 1989.
- . *Sara: romance*. 3. ed. Lisboa: Caminho, 1992.
- JACOBY, Russell. *The End of Utopia: Politics and Culture in Age of Apathy*. Nova York: Basic Books, 1999.
- JORGE, Lídia. *O dia dos prodígios*. 8. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1980.
- . *Notícia da cidade silvestre*. 10. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1984.
- . *O jardim sem limites*. 4. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- . Entre o belo e o decrépito. *Diário de Notícias (Cultura)*, n. 46.377, p. 2-5, 1996.
- KAUFMAN, Helena; KLOBUCKA, Anna. Politics and Culture in Postrevolutionary Portugal. In: _____. *After the Revolution*. Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994. Lewisburg; Londres: Bucknell University Press/Associated Press, 1997, p. 13-30.
- KAUFMAN, Helena; e ORNELAS, José. Challenging the Past/Theorizing History: Postrevolutionary Portuguese Fiction. In: KAUFMAN, Helena; KLOBUCKA, Anna. *After the Revolution*. Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994. Lewisburg; Londres: Bucknell University Press/Associated Press, 1997, p. 145-167.
- LOURENÇO, Eduardo. Literatura e revolução. *Colóquio/Letras*, n. 78, 1984, p. 7-16.
- . O silêncio dos intelectuais. *Expresso Revista*, n. 646, 1985, p. 29-R - 31-R.
- MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Os dois crepúsculos: sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981a.
- . *Os dias, pequenos charcos*. Lisboa: Presença, 1981b.
- MARTELO, Rosa Maria. *Em parte incerta*. Porto: Campo das Letras, 2004.
- . Antecipações e retrospectivas: A poesia portuguesa na segunda metade do século XX. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 74, p. 129-143, 2004.

- MUDROVIC, María Inés. *Historia, Narración Y Memoria: Los Debates Actuales En Filosofía de La Historia*. Madri: Akal Ediciones, 2005.
- MUNSLOW, Alun. *Narrative and History*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire; Nova York: Palgrave Macmillan, 2007.
- _____. *The Future of History*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire; Nova York: Palgrave Macmillan, 2010.
- PEREIRA, João Martins. *No reino dos falsos avestruzes - um olhar sobre a política*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1983.
- REAL, Miguel. *O romance português contemporâneo: 1950-2010*. Alfragide: Caminho, 2012.
- REIS, Carlos. *O Post-Modernismo E a Ficção Portuguesa Do Fim Do Século: Introdução*. In: _____. *História crítica da literatura portuguesa. Do neo-realismo ao pós-modernismo*. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 2005, p. 287-311.
- RIBEIRO, António Sousa. Configurações do campo intelectual português no pós-25 de abril: o campo literário. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Portugal: um retrato singular*. Porto: Afrontamento, 1993, p. 481-512.
- SEIXO, Maria Alzira. A poética da cidade na composição do romance – alguns exemplos na ficção portuguesa no século XX. In: _____. *O imaginário da cidade: compilação das comunicações apresentadas no Colóquio sobre o Imaginário da Cidade realizado em outubro de 1989*. Lisboa: ACARTE - Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, p. 267-79.
- _____. Narrativa e ficção – problemas de tempo e espaço na literatura europeia do Pós-Modernismo. *Colóquio/Letras*, n. 134, 1994, p. 101-114.
- SOUTHGATE, Beverley C. *History Meets Fiction*. 1. ed. History: Concepts, Theories and Practice. New York: Pearson Longman, 2009.
- _____. History and Art: Some Meeting Points. *Rethinking History*, n. 74, 2011, p. 511-522.

Minicurriculo

Sandra Guerreiro Dias é licenciada em Literaturas Modernas (Estudos Portugueses) e Mestre pré-Bolonha em História da Cultura Contemporânea, com especialização em história da cultura em Portugal no pós-25 de Abril. Atualmente é *PhD Fellow* no Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É colaboradora do Arquivo Digital da PO.EX. Encontra-se a concluir doutoramento com bolsa FCT em poesia, arte da performance e mudança cultural nos anos 1980 em Portugal, áreas nas quais tem vindo a apresentar conferências e artigos científicos. Publica poesia e textos ensaísticos em revistas nacionais e internacionais.